



O protesto transforma-nos primeiro a nós. Depois, quem sabe, o mundo

Impossível é não fazer nada, dizem activistas pela justiça climática. “Vamos precisar de ser pacientes e firmes”, afirma uma poetisa de Hong Kong. Como se mede o sucesso de um protesto, esse acto que Ai Weiwei diz que não resulta?

Alexandra Prado Coelho

“**A**té à vitória, tudo é ensaio.” Esta é, diz Alice Gato, activista ligada ao movimento Greve Climática em Portugal, uma frase

que os estudantes repetem frequentemente. “Não é só oratória. Tudo o que fizemos, desde que não fique pior do que antes, vale sempre a pena porque aprendemos alguma coisa. E ajuda-nos a sair da paralisia de sentir que há tantas coisas para fazer que não sabemos por onde começar.”

Os protestos existem por todo o mundo, nas democracias e nas ditaduras, seguindo formatos clássicos ou usando a imaginação, forçando governos a ceder ou sendo violentamente reprimidos. Seja qual for o resultado, as pessoas continuam a sair às ruas, a ocupar espaços públicos, a gritar palavras de ordem, a erguer cartazes, esperando que as suas palavras cheguem às televisões, aos jornais, aos ouvidos de muitos e ajudem a mudar alguma coisa.

Na segunda metade de 2019, em Hong Kong, os manifestantes levantavam mãos abertas na direcção dos

cordões da polícia, gritavam exigências e arrancavam pedras do chão, como tinham feito, no século anterior, os jovens franceses durante os protestos de Maio de 68 – “*sous les pavés, la plage!*” (debaixo das pedras, a praia) foi a palavra de ordem que então ficou.

Cinco anos antes, em 2014, a antiga colónia britânica na China assistira ao movimento dos guarda-chuvas, então símbolo da resistência passiva perante a repressão da polícia que tentava dispersar os manifestantes com gás lacrimogéneo. E, no final de 2022, os chineses, desta vez na China continental, voltavam a sair às ruas, agora erguendo nas mãos folhas em branco e desafiando o regime de Xi Jinping e a política de “covid zero” imposta para combater a pandemia.

As folhas brancas tornaram-se os mais improváveis símbolos de resistência – quando as palavras podem levar à prisão, uma folha em branco ganha a força de dizer tudo o que não pode ser dito. E enquanto os chineses – tal como em 1989 o homem, também chinês, que enfrentou sozinho, saco branco na mão, os tanques na Praça Tiananmen, em Pequim – usavam a imaginação para mostrar ao mundo a sua revolta, no

“ Os protestos não resultam. Mesmo Na China, em Hong Kong, em Bar



THOMAS PETER/REUTERS

Habitantes de Berlim Leste escalam o Muro de Berlim para passar para a Alemanha Ocidental, em Novembro de 1989

Rosa Parks tornou-se um símbolo da luta pelos direitos civis dos negros nos EUA ao recusar-se a dar o lugar num autocarro, em 1955

Nos protestos do final de 2022 contra a política covid zero do Governo chinês, os manifestantes usaram folhas brancas para contornar a censura

cesso de democratização, ao 25 de Abril”, explica José Manuel Mendes, sociólogo, professor da Universidade de Coimbra e autor de vários estudos sobre movimentos de protesto em Portugal. “As novas gerações, socializadas numa dinâmica política, nunca a abandonaram.”

Essa tradição está muito ligada às instituições de ensino. “Quando a *troika* faz o plano para Portugal, se há um sector para o qual praticamente não recomenda medidas, é para o ensino superior”, o que José Manuel Mendes atribui “ao receio da reacção das associações de estudantes e ao historial que traziam de protestos na rua”.

Ana Carvalho e Alice Gato inserem-se nesse historial, agora com uma causa de dimensão internacional. Alice, que é estudante de Ciência Política e Relações Internacionais, e muitos outros dos envolvidos no movimento pela justiça climática passaram pela escola de activismo organizada pelo colectivo Climáximo, que inclui um olhar pela história dos movimentos de protestos no mundo.

“Nada na crise climática é a longo prazo”, sublinha a activista. Neste momento, “o problema é gigantesco e a flexibilidade do *statu quo* é quase inexistente porque de ano para ano as emissões continuam a aumentar”. A única solução “é escalar as táticas e ser cada vez mais disruptivo – o próprio António Guterres diz que precisamos de *disruption* para parar a destruição”. Ou seja, é preciso passar para a desobediência civil. “A nível internacional também se fala em travar a destruição de forma permanente, por exemplo através de actos de sabotagem.”

Como se pode perceber o que é que, ao longo do tempo e em diferentes circunstâncias, obteve mais resultados? Hahrie Han, professora de Ciência Política na Universidade Johns Hopkins e autora de vários livros sobre movimentos sociais, defende, num vídeo da série *Experts Explain*, do Fórum Económico Mundial, que um movimento bem-sucedido é aquele que torna a participação dos cidadãos “possível, provável e poderosa”.

No entanto, segundo Han, “uma das tendências a que assistimos nos movimentos sociais do século XXI é o curioso paradoxo entre a participação ser possível, mas não ser tão

Irão as mulheres tiravam os lenços, empunhavam tesouras e cortavam os cabelos, e os jovens faziam saltar os turbantes das cabeças dos *mullahs*.”

Às vezes – muitas vezes, diz o artista e activista chinês Ai Weiwei, director por um dia desta edição do PÚBLICO –, os protestos não conduzem a resultados e os manifestantes não só não têm respostas às suas reivindicações como são silenciados. Mas “a resistência é o direito à vida”. Por isso, ela continua sempre.

Tammy Ho não hesita. “Vale a pena protestar”, diz, “mas neste momento, em Hong Kong, há muito pouca margem para protestar em segurança, sem correr o risco de perder o emprego ou a liberdade.” Em 2019, quando o PÚBLICO a entrevistou pela primeira vez naquele território, a poetisa acompanhava atentamente os protestos que ali decorriam e sobre os quais escreveu vários poemas. Era um tempo de expectativa, de determinação, de adrenalina, de esperança.

Entretanto, muita coisa mudou. “Durante três anos, o Governo de Hong Kong usou as restrições da pandemia como pretexto para proibir as manifestações, impondo pesa-

das multas. Os protestos espontâneos foram limitados a quatro pessoas e mesmo essas podiam ter problemas”, conta Tammy. “Agora é novamente possível protestar de forma legal, mas a probabilidade de ter uma autorização para qualquer coisa política é ínfima.”

“Basta abrir um livro de História...”

O caso de Hong Kong é um dos exemplos de protestos que não só não atingiram os resultados pretendidos como levaram a mais repressão. “No início, as pessoas podem pensar, de forma optimista, que os protestos vão terminar rapidamente e que as suas reivindicações vão ser atendidas”, afirma Tammy. “Mas cada vez mais pessoas sabem, no fundo, que mudanças concretas e alterações substanciais de política para garantir democracia e melhorar a vida não são fáceis – certamente não com o actual Governo. Ao longo do processo, algumas pessoas irão recuar e ficar a observar. Outras vão continuar a protestar de formas mais contidas, que conseguem gerir, embora num espaço mais limitado.”

Numa democracia como Portugal, organizar protestos é mais fácil. O desafio é conseguir que a mensagem seja ouvida e que as autoridades entrem em diálogo, mas, menos limitadas pela censura ou pela repressão, as formas de protesto não precisam de ser tão imaginativas como na China ou no Irão, e, muitas vezes, os mecanismos escolhidos são os mais clássicos: manifestações, greves, ocupações.

É o que acontece com o movimento Greve Climática e com as recentes ocupações de escolas por estudantes activistas. Ana Carvalho é um dos quatro manifestantes detidos em Novembro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e levados a julgamento. Estava com três colegas que tinham decidido colar-se ao chão e que foram levados à força do local por agentes da Polícia de Segurança Pública (PSP), chamada pela direcção da faculdade.

“Sabemos que determinadas mudanças não se fazem de um dia para o outro, mas dizer que os protestos não funcionam é um exagero. Basta abrir um livro de História para perceber que houve muitas coisas que se alcançaram através do protesto. Há formas mais eficazes do que

outras, mas dizer que não resultam parece-me injusto por tudo aquilo que já foi alcançado”, considera Ana Carvalho.

As ocupações são uma forma de elevar o dramatismo – e eventuais confrontos com a polícia ajudam até a dar visibilidade à luta. “Não é um método novo”, reconhece a estudante, que teve a sua formação política marcada pelos protestos Occupy Wall Street, 59 dias, entre Setembro e Novembro de 2011, “que começaram com sete pessoas e acabaram com milhares”, alastrando-se de Nova Iorque para várias cidades do mundo.

Se as manifestações servem para “mostrar que há um conflito”, por outro lado têm um impacto limitado no tempo. “A manifestação tem o propósito de dizer ‘é isto que queremos, é por isso que estamos aqui’. As ocupações mostram outras coisas: se queremos falar sobre alterações climáticas, então vamos fazê-lo e num espaço que é nosso: as escolas, as universidades.” Além disso, “abrem um debate maior” e “são mais difíceis de ignorar”.

Existe em Portugal “uma tradição de protesto que tem que ver com memórias e práticas ligadas ao pro-

no nas democracias, eles não resultam.
elona. Simplesmente não resultam.

poderosa”. A facilidade dos meios pode até retirar força. “Quando se fala com quem está na linha da frente, eles sentem que é mais fácil do que nunca envolver as pessoas, mas é mais difícil do que nunca fazê-las sentir que a participação tem realmente impacto.”

É preciso não cair no erro de “confundir atenção com poder”, afirma. “Vivemos numa economia da atenção, mas atenção não significa necessariamente que se podem fazer as mudanças desejadas.” Igualmente importante é “não confundir mobilização com organização”. É mais fácil mobilizar a indignação de muita gente do que, no momento seguinte, transformá-la num movimento.

Um dos melhores, e mais citados, exemplos históricos de um movimento bem-sucedido é a luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. No dia 1 de Dezembro de 1955, uma mulher negra americana, Rosa Parks, recusou ceder o lugar num autocarro para que uma pessoa branca pudesse sentar-se sem um negro ao lado, iniciando assim um poderoso movimento de resistência à segregação racial nos transportes públicos.

O acto, que ganhou a força de um símbolo, fez parte de uma estratégia altamente planeada. “O que as pessoas esquecem muitas vezes sobre o Boicote de Montgomery é que durou mais de um ano”, lembra Hahrie Han. “Durante mais de 365 dias, a comunidade negra teve de conseguir manter-se unida para que ninguém apanhasse um autocarro. [...] Quantos movimentos sociais temos no século XXI que consigam manter um boicote durante 380 dias? Não há muitos.”

Os movimentos podem ter lideranças e hierarquias claras e uma estratégia bem definida – foi precisamente o que aconteceu com o movimento dos direitos civis dos negros nos EUA, cujos líderes escolheram Rosa Parks como símbolo, apesar de a primeira mulher a ser detida por recusar ceder o lugar num autocarro ter sido Claudette Colvin, oito meses antes dela, relata Zeynep Tufekci’s no livro *Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest*, citado na *The New Yorker*.

Ou podem ter lideranças mais fluidas, como pretendem os ambientalistas da Greve Climática. “Somos um colectivo aberto e horizontal, qualquer estudante que concorde com os nossos objectivos pode juntar-se a nós”, explica Alice Gato. “Não existe um presidente, mas isso não significa que não existam diferentes níveis de responsabilidade e tarefas que cada um tem dentro da organização.”

Também em Hong Kong (mas aí sobretudo para iludir a vigilância das autoridades), o movimento de 2019 tinha um carácter “líquido” – “nós somos como a água”, diziam os manifestantes, que se juntavam em acções não anunciadas, convocadas



Chinês enfrenta os tanques na Praça Tiananmen, em 1989

Palestinos usam fiskas contra o Exército israelita em Belém

Cabelos cortados para apoiar as mulheres iranianas, em 2022

através das redes sociais, e desapareciam como tinham aparecido.

Num artigo da *The New Yorker* intitulado “Is there any point to protesting?”, Nathan Heller percorre a história de vários protestos, começando pelos mais recentes nos EUA, dos quais faz um balanço pessimista:

“Na altura em que os manifestantes foram expulsos, o Occupy tinha-se espalhado por 900 cidades em todo o mundo. Não houve alterações nas políticas norte-americanas.”

Da mesma forma, escreve o jornalista, o movimento Black Lives Matter, que “teve cobertura de primeira página em todos os grandes jornais do país”, levou à prisão de apenas um dos polícias envolvidos na morte de cidadãos negros. A partir destas constatações, interroga-se sobre o real efeito dos protestos: serão um “uso produtivo da nossa atenção política” ou “apenas um teatro social no qual participamos para nos sentirmos virtuosos, úteis e do lado certo”?

Cita, a propósito, Nick Srnicek, que em 2015 escreveu, com Alex Williams, o livro *Inventing the Future: Postcapitalism and a World Without Work*, no qual questionam aquilo a que chamam “políticas folclóricas”, que equiparam a “política transformada em passatempo” ou “política como droga”. O problema, dizem, é que, das petições às ocupações, passando pelas greves, a esquerda continua mergulhada na nostalgia dos protestos do passado e sem capacidade para se reinventar – reinvenção que, defendem, passaria por uma visão menos romântica e um maior pragmatismo na discussão das políticas a mudar.

O exemplo de Rosa Parks mostra bem a importância dos símbolos e dos corpos que se tornam símbolos – o homem em frente ao tanque na Praça Tiananmen, as crianças com fiskas na Palestina, a mulher que enfrenta as armas dos soldados com uma flor numa manifestação contra a guerra do Vietname, ou, numa versão muito mais dramática, o tunisino Mohamed Bouazizi a imolar-se pelo fogo, em Dezembro de 2010, num

acto desesperado que acabaria por desencadear a revolução na Tunísia, uma das várias da chamada Primavera Árabe, entre 2010 e 2012.

“Há várias tradições”, enquadra José Manuel Mendes, estudioso dos movimentos de protesto. “[A filósofa nascida na Alemanha e naturalizada americana] Hannah Arendt [1906-1975] desvalorizava mais as condições materiais e sociais de fazer política e valorizava os conteúdos e os valores últimos. Mas outras teóricas, como [a também filósofa norte-americana] Judith Butler [1956], destacam muito a questão da performatividade. A *performance* e a presença dos corpos em situações extremas são importantes para chamar a atenção. No entanto, para o movimento se manter, tem de haver conteúdo.”

A componente nostálgica criticada por Srnicek e Williams é forte em Portugal – “muitos dos *slogans* têm o ritmo, e algum conteúdo, que vem do 25 de Abril e que ficou no imaginário e no repertório colectivo”, afirma José Manuel Mendes. Mas só isso não chega. Além das palavras, “o corpo é mobilizado para mostrar que está em sofrimento, que está em luta e que é digno”.

Os jovens que exigem justiça climática garantem que vão continuar a dar o corpo a essa luta e prometem ocupações mais disruptivas e criativas. “É um compromisso que se assume”, diz Ana Carvalho. “Para mim, tem que ver com a necessidade de fazer algo, de saber que algo tem de ser feito. É desgastante, a nível psicológico, a nível físico, até. Eu preferia não estar a ocupar escolas, mas a necessidade faz-nos mexer.”

Zeynep Tufekci, já citada, explica na *The Atlantic* porque é que os protestos funcionam. “A resposta é, sim, claro que funcionam, mas geralmente não da forma e nos *timings* que muitas pessoas pensam. Por vezes, parecem falhanços num primeiro momento, mas muito do seu poder está nos efeitos a longo prazo, tanto nos próprios manifestantes como no resto da sociedade. [...] No longo prazo funcionam porque conseguem abalar o mais importante pilar do poder: a legitimidade.”

Em Hong Kong, tudo é mais difícil neste momento, mas Tammy Ho diz algo semelhante: “Mesmo que muitas vezes não resultem naquilo que os manifestantes esperavam, os protestos ajudam as pessoas a compreender melhor a sua própria visão e as suas perspectivas sobre a democracia e outros ideais humanistas.”

Com muitos líderes da oposição democrática na prisão e muitos defensores da democracia a viver fora do território, é preciso encontrar formas de manter a esperança. “Vamos precisar de ser criativos, pacientes e firmes.”

O poder dos protestos está em transformar, em primeiro lugar, aqueles que participam neles, e, depois, quem sabe, o mundo.